

PIRACEMA

Boletim da Assessoria Técnica Independente das Regiões 4 e 5 | Abril 2025 | nº 15

- Comunidades do São Francisco e o autorreconhecimento como ribeirinhos
- Festa do Pequi organizada pelo Povo Kaxixó em Martinho Campos



Eni Oliveira
Morada dos Peixes
– São Gonçalo
do Abaeté

CONHEÇA MAIS LOGOS DAS COMISSÕES!



SEIS ANOS DO ROMPIMENTO: ATOS MARCAM A DATA

Em 25 de janeiro de 2025, o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho completou seis anos. O desastre-crime matou 272 pessoas e deixou um enorme rastro de destruição e danos ao longo do estado de Minas Gerais. Na ocasião, foram realizados atos e celebrações religiosas em memória das pessoas falecidas, em luta para que a reparação chegue a quem foi atingido e para que crimes como esse nunca mais ocorram.

Na véspera, 24 de janeiro, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) organizou uma assembleia em Belo Horizonte, seguida de uma manifestação pedindo justiça. No mesmo dia, pessoas atingidas se reuniram com Murilo Silvio de Abreu, juiz do caso, e com as Instituições de Justiça (IJs) e o Governo de MG.

Em ambas as reuniões, pessoas atingidas apontaram que, seis anos após o desastre-crime, quase nada da reparação chegou às comunidades.

No dia 25, centenas de pessoas estiveram em Brumadinho para participar da VI Romaria pela Ecologia Integral. Após uma missa, foi realizada uma caminhada até o letreiro na entrada da cidade, onde houve o ato das famílias das vítimas. 2.195 balões foram lançados no céu, representando todos os dias de impunidade ao longo dos seis anos do rompimento.

No domingo, dia 26, a imagem da Nossa Senhora da Abadia da Água Suja foi até Pompéu pela primeira vez. A santa percorreu uma parte do Rio na beira da comunidade de Novilha Brava, participando da II Peregrinação por Justiça Ambiental.

Foto: Daniela Paolillo/Guaicuy

REPORTAGEM ESPECIAL SOBRE OS SEIS ANOS



Foto: Fabiano Lana/Guaicuy



Aponte a câmera do celular para o código e assista



JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mathias Botelho MTB 10126/PR | **TEXTOS JORNALÍSTICOS:** Laura de Las Casas, Laura Garcia, Natália Ferraz e Mathias Botelho | **DIAGRAMAÇÃO E INFOGRAFIA:** Priscila Justina | **REVISÃO:** Laura Garcia, Joana Tavares e Mathias Botelho
COORDENAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DA ATI PARAOPÉBA: Joana Tavares | **FOTOGRAFIA DA CAPA:** João Carvalho

Instituto Guaicuy: Rua Brasópolis, 109 - Floresta, Belo Horizonte | CEP: 30150-170 | (31) 3024-9460

Contato para pessoas atingidas: (31) 97102-5001 | contato@guaicuy.org.br

LEIA TAMBÉM PELA INTERNET: www.guaicuy.org.br | [f/institutoguaicuy](https://www.instagram.com/institutoguaicuy) | [@institutoguaicuy](https://www.facebook.com/institutoguaicuy)

“AONDE EU FOR, EU SOU RIBEIRINHA”

O AUTORRECONHECIMENTO DAS COMUNIDADES DO SÃO FRANCISCO

Foto: Daniela Paoliello/Guaicuy

“SER RIBEIRINHO VAI MUITO MAIS ALÉM DO QUE MORAR NA BEIRA DE UM RIO. É SER O RIO, É ENTENDER QUE PELAS ÁGUAS QUE ELE PERCORRE, COMO O PULSAR DE NOSSAS VEIAS, PASSAM GERAÇÕES E GERAÇÕES DE HISTÓRIAS, CULTURAS, COSTUMES ANTIGOS E CONTEMPORÂNEOS”. (CAMILI DA SILVA)

3 | PCTs

Entre os Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) atingidos pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, estão os ribeirinhos da calha do Rio São Francisco, nos municípios de Três Marias e São Gonçalo do Abaeté.

“Para mim é um privilégio ter crescido junto ao Rio, de onde minha família tira alimento e onde construímos nossas tradições”, diz Camili da Silva, trimariense de 17 anos. Integrante da Comissão Ribeirinhos do São Francisco, atualmente ela passa a maior parte dos dias em Três Marias, onde mora com a tia para estudar – além do ensino médio, faz também o curso Técnico em Enfermagem. “Mas volto pra beira do Rio sempre que posso, tenho muita saudade”, revela. Em meio à rotina corrida, a jovem cultiva o amor pela leitura e pela escrita. “Amo filosofia e poesia, e escrevo alguns poemas também”, conta.

Para Camili, o autorreconhecimento dos ribeirinhos como comunidade tradicional se deu a partir do trabalho com o Guaicuy no processo de reparação. “Por incrível que pareça, foi novidade. A gente não usava a palavra *ribeirinho*, embora soubesse que nossas famílias sempre viveram à beira do Rio”. Questionada se também pesca, responde rápido: “é claro! Faz parte da minha identidade”.

As comunidades ribeirinhas se identificam como PCTs seguindo a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), já que seu modo de vida se caracteriza

pelas relações tanto materiais – como alimentação e trabalho – quanto simbólicas – organização familiar e tradições – com o Rio e com as terras que o cercam.

Camili conta que a compreensão da comunidade sobre seus direitos mudou depois do reconhecimento como comunidade tradicional. Agora, os ribeirinhos do São Francisco estão construindo seu *Protocolo de Consulta*. Se trata de um instrumento de defesa dos povos tradicionais, definindo em um documento construído coletivamente como deve ser a *consulta prévia livre e informada* à comunidade por qualquer empresa ou órgão que ingresse em seu território. “O principal é chegar na nossa comunidade com respeito. Tem gente que tem muito conhecimento mas não tem respeito”, afirma.

Falando sobre a mudança para a cidade e as perspectivas profissionais diferentes da família, Camili completa “aonde eu for eu sou ribeirinha”. E ressalta que preservar sua identidade é uma prioridade: “eu sempre vou falar de ser ribeirinha, e nunca vou deixar minhas raízes serem apagadas”.



Depois da represa tem um rio: comunidades do São Francisco buscam reparação. Para saber mais sobre as comunidades atingidas do São Francisco, confira o documentário

ENI OLIVEIRA:

DE ENFERMEIRA DO SAMU A BICAMPEÃ BRASILEIRA DE PESCA DE TUCUNARÉ

4 | ENTREVISTA

A pequena comunidade de Morada dos Peixes, em São Gonçalo do Abaeté, foi construída às margens da Represa de Três Marias. Lá vivem 200 famílias. Uma delas é de Eni Oliveira, que há duas décadas largou a pressa e a pressão do trabalho na saúde pública de Belo Horizonte para reconstruir sua vida ao redor da pesca e da natureza.

Líder comunitária, Eni participa do processo de luta pela reparação dos danos causados pela Vale desde 2019, quando esteve na eleição da Assessoria Técnica Independente (ATI) da Região 5. Ela integra a Comissão de Pessoas Atingidas de Morada dos Peixes desde a sua fundação, em agosto de 2022, e é suplente na Instância Regional 5.

O Guaicuy esteve na casa de Eni em fevereiro para entrevistá-la e foi recebido com uma jarra de suco gelado e muito carinho.

Compartilhamos abaixo alguns trechos da conversa, realizada enquanto ela se sentava num curioso barco-horta que construiu para manter as galinhas longe das verduras.

Como começou sua relação com a pesca?

Tem 20 anos que eu já tô aqui. Eu trabalhava no SAMU, no [Hospital] Odilon Behrens nessa época e lá tinha uma turma que tinha um ônibus, que chamava Jacatraca, que era de pesca. Então, eu ouvia muitos meus amigos falando de pesca e eu me apaixonei.

Minha intenção era só vir para o lugar que tivesse peixe para pescar. Eu pedi pro meu marido que a gente fosse fazer um acampamento em Morada Nova. Aí eu vi um senhor com a bicicleta andando na beira da Represa e com uma fivela de tucunaré pendurado.

Conversei com ele, falei para ele: “Moço, me ensina a pescar, porque a gente não tem carne, nem peixe para poder comer, porque eu vim para acampar e nós só temos cartão”. Ele me explicou, pegou uma peninha lá, um peixinho com umas peninhas, né? Me ensinou a jogar na Represa, e nesse dia eu peguei três tucunarés.

Nós compramos terreno aqui para continuar esse meu sonho, essa minha pescaria. Nesse meio-tempo, o meu marido faleceu e eu vim sozinha. Eu vendi minha casa em Belo Horizonte, construí uma casa aqui na beira da Represa com esse dinheiro e morei aqui dois anos sozinha, sem luz.

E você venceu duas vezes o Campeonato Brasileiro de Pesca de Tucunaré?

Em 2012, teve o Campeonato de Pesca aqui no Náutico. E eu fui convidada pelo Sr. Norberto para participar, como pescadora profissional. Então eu participei e ganhei o primeiro troféu em 2012. Ganhei, inclusive, um barco. Em 2013 eu participei de novo, ganhei uma



Assista também
ao vídeo retrato de
Eni Oliveira!

bicicleta. Ganha quem pesca o maior tucunaré. O primeiro foi 62 cm. E o outro parece que foi 59 cm.

O que você sente quando pesca?

Eu sinto um prazer muito grande em pescar. Hoje, depois de mais velha, eu ainda penso, será que os peixes sentem dor? Aí eu já tenho mais dó. Mas eu sinto um prazer muito grande em pescar. Eu não tenho outro *hobby*, o meu único *hobby* é a pescaria. Mas não sei nem te explicar o que eu sinto. Eu sinto muito prazer em pescar.

E como foi quando você soube do rompimento da barragem?

Eu fiquei muito assustada. A gente imaginou aquilo tudo correndo pra dentro da Represa. Aqui, uns falavam que tinha sido atingido, outros falavam que não. Mas eu fiquei muito preocupada. Tanto que, logo em seguida, uns dois meses depois do acidente, eu tirei minha bomba de água da Represa. Porque eu fiquei com medo.

E aí você começou a participar do processo de luta pela reparação...

Eu aprendi demais. Eu aprendi porque eu não tinha noção de nada. Para mim, tava tudo certo. Como muita gente, eu achava que estava tudo certo, que como a

água não estava suja por cima, que estava tudo certo. Com o tempo, com o Guaicuy, com as idas da gente nas reuniões, com o pessoal lutando pela reparação, a gente foi aprendendo. Eu aprendi muita coisa.

Como vocês foram atingidos?

Tem muita pousada. Muita pousada perdeu com isso. É muito triste porque eu imagino que essa lama tá toda no fundo da Represa. Ela pode não aparecer, mas ela tá toda no fundo da Represa. E eu, como pescadora, sei que os peixes estão sofrendo com isso. E o pessoal que mora, que come esse peixe. Hoje eu já não pesco mais para comer... A gente fica triste porque, querendo ou não, quebrou muito o sonho de muita gente. Que assim como eu sonhei, muitas famílias aqui sonharam também.

Quer deixar alguma mensagem?

A minha mensagem para o Ministério Público, para quem quiser, para quem for, até para o Presidente da República, é que olhe para esse pessoal. Que olhe para esse para essas pessoas que estão na beira desse Rio, que estão na beira dessa Represa. Porque assim como eu estou, muita gente tá pior. Tem muita gente onde passou a água que não tem nem esse lugar de horta para sentar.

COMISSÃO DOS PORTOS DE MORADA NOVA DE MINAS QUER ALAVANCAR TURISMO

Na margem Oeste da Represa de Três Marias, as comunidades dos portos de Morada Nova de Minas se uniram na Comissão dos Portos. São representadas por ela: o Porto Indaiá de Cima e Pindaíbas, o Indaiá de Baixo, Ilha e Traçadal, Porto Novo e o Porto Melancias, também conhecido como Porto Velho.

Mesmo com a queda no turismo depois do rompimento da barragem da Vale em 2019, os portos estão cheios de atrações para quem transita entre eles. Além de bares e restaurantes, é possível visitar cachoeiras próximas e até uma reserva ecológica. Considerando o potencial da região, a Comissão dos Portos pensa um projeto para o Anexo 1.1 do Acordo Judicial de Reparação, que trata dos projetos de demandas das comunidades. A ideia é criar o *Circuito Integrado de Portos*, a fim de fortalecer Morada Nova como destino turístico no interior de Minas Gerais, integrando também as comunidades da margem Leste da Represa.

O moradense Luiz Aníbal Guimarães lembra, saudoso, que era pescador desde 1994, mas deixou o ofício depois que o rompimento fez despencar o preço dos peixes. Luizinho, como também é conhecido, faz parte da Comissão desde a sua criação, assim como sua esposa Maria do Carmo Guimarães, a Carminha. O

casal mora no Porto Indaiá de Cima e aluga ranchos para turistas. Luiz conta que, logo após o crime-desastre, “ficou seis meses sem aparecer um turista”. Por isso, o plano da Comissão é recuperar esse potencial, focando em estrutura e informação para atrair mais viajantes.

Entre os desafios, Luiz cita a falta saneamento e luz na região, além da necessidade de estradas melhores. Ele ressalta que as distâncias percorridas são grandes: “a casa mais perto da minha fica a três quilômetros”. As travessias de balsa também são limitadas, então a oferta de mais horários é uma demanda. O projeto da Comissão busca, além de melhorias estruturais, ferramentas de informação para os turistas: “tem trilhas que levam às grutas e cachoeiras lindas por aqui, mas não são sinalizadas”. Ele descreve a ideia de um mapa virtual interativo, com as atrações e utilidades destacadas, e informações sobre elas, como onde se hospedar, onde comer um peixe fresco etc.

O Anexo 1.1 está em construção pelas Comissões das comunidades atingidas da Bacia do Paraopeba, Represa de Três Marias e Rio São Francisco, em conjunto com a Entidade Gestora escolhida pelas Instituições de Justiça para gerir parte dos recursos.

Foto: Gia Dias/Guaicuy



Saiba mais sobre os Projetos de Demandas das Comunidades no site do Guaicuy

PARA O POVO KAXIXÓ, O PEQUI É FARTURA E FESTA!

Foto: Paulo Marques/Guaicuy

As funções começaram cedo no sábado, dia 15 de fevereiro, para os moradores e moradoras da aldeia Capão do Zezinho, do Povo Kaxixó, localizada em Martinho Campos. Num típico dia de verão, com céu azul e sol escaldante, a comunidade madrugou para organizar o 10º Festival do Pequi, com uma extensa programação cultural e um banquete de dar água na boca a qualquer fã do icônico fruto saboroso e espinhento do Cerrado. “Preparamos mais de trinta pratos que têm o pequi como ingrediente principal. Hoje é tempo de festa e fartura”, disse a enfermeira Karina Kaxixó, uma das organizadoras do evento.

Muitas semanas de preparo antecedem o festival, conta o médico Otávio Kaxixó, uma das lideranças da aldeia. “A festa, pra gente, começa um ano antes, quando mapeamos os pés que vão dar os frutos na próxima temporada. Na época de catar o pequi, convocamos as crianças para nos ajudar a colher. Depois, a turma responsável pela cozinha pensa nos pratos, experimenta as novas receitas e começa, muitos dias antes, a deixar todos os ingredientes prontos para o grande dia”, explica. De acordo com Otávio, os insumos das receitas são doados pelos moradores da aldeia. Já o que se vende durante o festival é usado para melhorias nas áreas comuns, como o galpão e o campo de futebol, além de colaborar para viagens coletivas que a aldeia organiza ao longo do ano.

A programação, pensada para gente de todas as idades, começou com os cantos entoados pelo povo da aldeia, seguidos das potentes falas das lideranças da comunidade e por um momento de oração. Então, os convidados e convidadas puderam aproveitar as pinturas corporais, as brincadeiras, a visita ao memorial

e ao cruzeiro – dois pontos simbólicos da aldeia – e a confecção de saias de taboa. Tudo isso aconteceu enquanto a mesa de almoço e de degustação dos doces de pequi eram servidas em paralelo, fazendo qualquer um sair do festival satisfeito. “É um dia para brincar, cantar, rezar e apreciar os sabores”, ressaltava Karina.

O pequi, para o Povo Kaxixó, merece ser celebrado por simbolizar a fartura, a fertilidade e a ancestralidade. “Ele é um dos marcos principais da nossa luta e história, porque o nosso povo está no Cerrado, um dos maiores biomas do Brasil, onde o pequi brota. O pequi preenche nossos pratos e alimenta nossa gente há muitas gerações, afastando a fome. O pequi faz parte das memórias de infância, suas árvores são cenários de nossos rituais, seu gosto é gosto de pertencimento. Tem gente que prova o fruto, mas aqui, na nossa aldeia, a gente vive o fruto”, explica Otávio, emocionado.



Foto: Daniela Paoliello/Guaicuy

APÓS LUTA DAS PESSOAS ATINGIDAS, DIREITO AO PTR É RECONHECIDO POR JUIZ DE PRIMEIRA INSTÂNCIA

Em novembro de 2024, a Fundação Getúlio Vargas (FGV), gestora do Programa de Transferência de Renda (PTR), anunciou a redução do valor das parcelas que serão recebidas pelos beneficiários a partir de março de 2025. Essa redução foi decidida pelas Instituições de Justiça.

No entanto, após uma ação judicial, o juiz Murilo Silvio de Abreu decidiu que o PTR deve ser mantido e que as parcelas não devem ser reduzidas. A decisão foi publicada em 28 de março de 2025 e a Vale pode recorrer. **Ou seja, não há certeza sobre o que acontecerá com as parcelas do PTR nos próximos meses.**



Atenção: os pagamentos *retroativos* (referentes a meses **anteriores** a março de 2025) **não serão reduzidos**. Isso porque essas parcelas deveriam ter sido recebidas antes por pessoas que

acessaram o PTR tardiamente;

ou

tinham direito ao antigo *Pagamento Emergencial** mas não o receberam, ou tiveram o pagamento interrompido indevidamente.



*É importante lembrar que o *Pagamento Emergencial* não chegou à Região 5, portanto essa situação não se aplica nesse território.



Os pagamentos de crianças e adolescentes também **não** serão reduzidos, pois esses grupos são considerados vulneráveis, já que a maioria ainda não está inserida no mercado de trabalho.



Cabe destacar que o salário mínimo foi reajustado para R\$ 1.518 em janeiro.

Assim, os valores atualizados do PTR para as Regiões 4 e 5 podem ser:

Caso a **redução** das parcelas se mantenha

Adultos	R\$ 379,50**
Adolescentes	R\$ 379,50**
Crianças	R\$ 189,75***

* ½ de salário mínimo

** ¼ de salário mínimo

*** ⅓ de salário mínimo

Caso a **decisão do juiz Murilo** se mantenha

Adultos	R\$ 759*
Adolescentes	R\$ 379,50**
Crianças	R\$ 189,75***



Saiba mais sobre a decisão do juiz



Para mais informações, entre em contato com a FGV pelos canais de atendimento do PTR:

🌐 : <https://ptr.fgv.br>

✉ : pagamentoptr@fgv.br

☎ : 0800 032 8022



Posto de atendimento em Pompéu:
Avenida Capitão Joaquim Antônio, 823



Posto de atendimento em Felixlândia:
Praça do Santuário, loja 5, bloco B

Os postos de atendimento presencial funcionam de **terça a sábado, de 8h às 12h e 13h às 17h.**

Importante! Os cadastros para o PTR se encerraram em 31 de março de 2025.